

HISTÓRIA ORAL

*Oral History*¹

Alistair Thomson^{2*}

RESUMO

Neste artigo, apresentam-se a emergência e a consolidação da História Oral nos últimos 50 anos. Ela se ampliou como uma metodologia, como um testemunho, como uma forma de criar fontes de pesquisa; ainda, como uma disciplina que se insere não apenas no interior da historiografia, mas entre outras áreas, como a Sociologia, a Antropologia, a Literatura, a Linguística e outros campos de conhecimento. Na sequência, avaliam-se o potencial e as limitações da História Oral, apontando-se alguns caminhos para evitar as projeções subjetivas e os procedimentos para criar fontes representativas que sirvam à pesquisa histórica e ao público mais amplo.

Palavras-chave: História oral; subjetividade; historiografia.

ABSTRACT

This article examines the emergence and consolidation of Oral History over the last fifty years. The practice of Oral History has expanded, as methodology, as testimony, as a path to create research sources, and as a discipline that unfolds not only within historiography but also in other fields of knowledge, such as Sociology, Anthropology, Literature, and Linguistics. The text goes on to evaluate both the limits and promise of Oral History, signaling ways to avoid subjective projections and procedures while generating representative sources that serve historical research and the broader public.

Keywords: Oral history; subjectivity; historiography.

1 Agradecemos especialmente à revista *Bloomsbury History, Theory and Method*, que nos concedeu a permissão para publicar a versão em português deste artigo.

2 * Pesquisador e Professor de História na Monash University, Austrália, e Presidente da *Oral History Australia*. Especialista em História Oral, realizou pesquisas sobre as memórias dos “Anzac”, combatentes australianos e neozelandeses da Primeira Guerra Mundial. A pesquisa e o ensino do Professor Thomson exploram as maneiras pelas quais diferentes tipos de evidências de histórias de vida podem iluminar o passado e seus significados no presente para os indivíduos e para a sociedade. Entre 2011 e 2015, liderou o projeto de História Oral *Australian Generations*, em colaboração entre universidades e instituições públicas australianas. Também coordena o Programa de Pós-graduação em Estudos Históricos da Monash University, orientando pesquisadores que trabalham um amplo escopo de projetos sobre a História do século XX. Contato: alistair.thomson@monash.edu

Introdução

A evidência fornecida pela história oral pode transformar determinadas formas de compreender a história, assim como iluminar a nossa percepção de como as pessoas e as sociedades lembram. No entanto, ela tem sido alvo de debates acerca do valor das entrevistas, bem como da confiabilidade da memória como fonte histórica. Este artigo examina a contribuição da história oral e os debates sobre seu uso e, posteriormente, concentra-se nas abordagens e questões acerca da interpretação das entrevistas de história oral.

Antes de iniciar este empreendimento, fazem-se necessárias algumas distinções e explicações. Segundo Ron Grele, uma definição funcional para história oral seria “a entrevista de testemunhas oculares dos eventos passados buscando a reconstrução histórica” (GRELE, 1996, p. 63). Essa definição traz em si uma distinção dos relatos em primeira pessoa de testemunhas oculares da história oral, diferenciando-os das tradições orais que foram transmitidas ao longo das gerações. No entanto, é importante ressaltar que os entrevistados da história oral frequentemente relatam histórias que lhes foram contadas sobre eventos passados há muito tempo, assim como as tradições orais frequentemente incorporam experiências contemporâneas (VANSINA, 1965; MAHUIKA, 2019). A definição de Grele também diferencia a história oral do trabalho de rememoração, por exemplo, com residentes em uma casa de cuidados para pessoas idosas, na qual o objetivo principal de convidá-las a falar sobre seu passado é o impacto positivo do processo na qualidade de vida e não “os propósitos de reconstrução histórica” (BORNAT, 1994).

Assim como a história oral se sobrepõe à tradição oral e ao trabalho de rememoração, ela também se sobrepõe à coleta de depoimentos de testemunhas em contextos quase judiciais, como comissões da verdade e reconciliação ou ainda investigações governamentais que busquem entender injustiças passadas, reconhecendo e possivelmente indenizando vítimas e sobreviventes. No entanto, os processos legais e contextos políticos das comissões da verdade e reconciliação geram pressões e expectativas para as testemunhas que são significativamente diferentes das práticas da história oral, para as quais a compreensão histórica é o objetivo principal, mesmo que o empoderamento pessoal e a defesa política possam ser subprodutos significativos.

No uso comum, o termo “história oral” passou a incluir tanto gravações de áudio quanto de vídeo, embora cada uma dessas tecnologias de entrevista apresente oportunidades e desafios distintos para a interpretação (discutidos abaixo). A história oral é falada (exceto em projetos de história oral para pessoas surdas, que utilizam a linguagem de sinais) e é registrada em uma entrevista (seja individual ou em grupo), portanto, não inclui a coleta de escritos autobiográficos ou o procedimento de gravar a própria história de vida. Aquele que entrevista desempenha um papel fundamental em uma entrevista de história oral, orientando, estimulando, investigando e registrando as lembranças do entrevistado.

Conforme argumentou o pioneiro da história oral britânica, Paul Thompson, a história oral possui uma história antiga. Por milhares de anos, historiadores têm buscado o testemunho de pessoas que presenciaram eventos passados, registrando essa evidência em notas escritas à mão ou datilografadas. No entanto, esses registros escritos raramente incluem todas as palavras, são frequentemente mediados pelo escrivão e não capturam a voz daquele que narra e os significados do som. A invenção das tecnologias de gravação sonora e cinematográfica no século XX permitiu que pesquisadores e pesquisadoras (vindo principalmente da antropologia e do folclore) gravassem suas entrevistas. A disponibilidade de equipamentos de gravação de áudio acessíveis e portáteis nas décadas de 1950 e 1960, especialmente após a criação do gravador de fita cassete pela Philips, em 1963, impulsionou uma proliferação da atividade de história oral em muitas partes do mundo na segunda metade do século XX (THOMPSON, 2017, p. 23).

A gravação é importante não apenas porque captura as palavras e sons de uma entrevista, mas também porque cria um artefato de entrevista que pode ser arquivado. Alguns historiadores orais criam entrevistas apenas para uso próprio, fazendo com que infelizmente algumas entrevistas acabem não sendo arquivadas. No entanto, uma das motivações principais de muitos projetos de história oral é precisamente a criação de um arquivo de história oral, buscando expandir as evidências para futuras pesquisas históricas. É importante ressaltar que a história oral frequentemente produz evidências históricas sobre pessoas que têm menos probabilidade de criar e arquivar registros escritos sobre suas vidas e sobre tópicos históricos que têm menos probabilidade de serem documentados em outras fontes.

A história oral não se limita à pesquisa histórica acadêmica. Ela gera histórias de vida envolventes em formatos multimídia e tornou-se um recurso fundamental para muitas formas de história pública, incluindo

exposições de museus, filmes, programas de rádio e televisão, produções teatrais, instalações em locais específicos e passeios a pé, *websites* e *podcasts* (HAMILTON; SHOPE, 2008). Embora muitas dessas produções ofereçam uma interpretação histórica cuidadosa e certamente influenciem as compreensões populares do passado, a pressão em atrair e entreter limita, às vezes, a rigorosidade e a profundidade do produto histórico.

Então, embora este capítulo seja destinado a estudantes e a acadêmicos de história, ele é relevante para historiadores públicos que visam criar produções históricas analiticamente rigorosas.

A História oral é internacional. É praticada na maioria dos países em todos os continentes e representada por muitas associações nacionais e regionais de história oral (PERKS; THOMSON, 2016, p. 696-703). Assim, a história oral tem origens e trajetórias distintas em diferentes partes do mundo e os métodos de história oral variam em relação às normas culturais de diferentes regiões, mas os historiadores orais de todo o mundo vêm compartilhando experiências e modelando boas práticas em encontros internacionais desde a década de 1970, sendo representados por uma Associação Internacional de História Oral desde 1996. E ainda que este capítulo faça referência principalmente à literatura de história oral em língua inglesa, ele é informado também pelo trabalho de história oral em países de línguas não inglesas (BENMAYOR; DOMINGUEZ PRATS; DE LA NUEZ, 2016; DENIS; NTSIMANE, 2008; LOH; KOH; DOBBS, 2013; MEIHY, 1996; VANEK; 2013).

A história oral também é interdisciplinar. A história é apenas uma de muitas disciplinas acadêmicas e de muitos campos intelectuais emergentes que trabalham com entrevistas e memórias. Valerie Yow (2015, p. 9 e 319) escreve sobre o “efeito cascata” para a história oral a partir de disciplinas como sociologia qualitativa, antropologia, estudos biográficos e literários, teoria feminista e psicologia da revisão de vida. A essa lista pode-se acrescentar os estudos culturais, a linguística, os estudos de comunicação e narrativa, os estudos do folclore e o trabalho interdisciplinar que explora as relações entre memória, narrativa e identidade. Embora os desenvolvimentos teóricos e metodológicos em cada um desses campos tenham enriquecido a prática da história oral, os historiadores orais também têm contribuído de forma substancial para a teoria, método e política da pesquisa qualitativa e dos estudos de memória por meio de suas reflexões interdisciplinares e sobre a interpretação e o uso das memórias gravadas.

Encontros

Qualquer historiador que pesquise o século XIX ou XXI deve, pelo menos, considerar a potencial contribuição da história oral. Hoje, na década de 2020, ainda é possível entrevistar pessoas que se lembram da década de 1930 e há muitas gravações de entrevistas preservadas em arquivos que fornecem evidências sobre a segunda metade do século XIX. Também existem, evidentemente, apontamentos disponíveis de pesquisadores e cronistas que não puderam criar gravações de áudio de suas entrevistas e que foram utilizados por historiadores de todos os períodos. Como explicado anteriormente, apontamentos de entrevistas escritas à mão são problemáticos para os pesquisadores. Os historiadores James Davidson e Mark Lytle (1986) ilustram alguns desses problemas em sua comparação de entrevistas realizadas para o *U.S. Federal Writers' Project* (Projeto Federal de Escritores dos EUA) na década de 1930, com pessoas que foram escravizadas. Os ex-escravos contaram suas vidas de maneira muito diferente quando entrevistados por entrevistadores negros em comparação com os entrevistadores brancos. Em algumas dessas entrevistas utilizaram equipamentos de gravação rudimentares, mas, quando uma entrevista não foi gravada, o entrevistador geralmente produzia um relato escrito da história de vida. Davidson e Lytle mostram que os relatos escritos pelos entrevistadores brancos frequentemente eram fortemente mediados pelas concepções e (in)compreensões do entrevistador e do escrevente e, provavelmente, nos dizem mais sobre as atitudes brancas na década de 1930 do que sobre a experiência dos escravos no século XIX.

A história oral pode ser uma fonte importante para a história oral das elites (SELDON; PAPPWORTH, 1983; PERKS, 2010). Entrevistas com pessoas poderosas podem ajudar a explicar a origem, a natureza e a aplicação do poder, bem como a relação entre as vidas pública e privada (JAMES, 2000), e os entrevistadores podem ir além das narrativas estabelecidas. Um ex-político, funcionário público ou líder corporativo que é entrevistado pode ser menos tendencioso e mais revelador do que em uma autobiografia, especialmente quando eles sabem que podem limitar o acesso ao material até depois de sua morte.

No entanto, o foco principal e a preocupação constante de muitos projetos de história oral é registrar a vida dos menos poderosos, ampliando o leque de evidências históricas para incluir pessoas que podem ter sido

mencionadas (por exemplo, em registros estatais), mas teriam menos probabilidade de ter registrado sua própria experiência e preservado tal registro para a posteridade. Impulsionados pelo desenvolvimento da história social, nas décadas de 1960 e 1970, defensores da “história vista de baixo” adotaram as novas tecnologias de gravação e iniciaram uma série de projetos de história oral. Eles também procuraram coleções de entrevistas mais antigas, como as entrevistas com ex-escravos registradas pelo *U.S. Federal Writers' Project*, que estão transformando a história da escravidão nos Estados Unidos (Biblioteca do Congresso). Da mesma forma, a experiência vivida do Holocausto, que visava exterminar os judeus e outros grupos selecionados pelos nazistas e destruir qualquer registro de sua vibrante cultura, foi recuperada em milhares de entrevistas com sobreviventes (BROWNING, 2010).

A última edição do estudo de referência de Paul Thompson, *The voice of the past: Oral History (A voz do passado: História Oral*, 2017, publicado pela primeira vez em 1978), detalha as importantes contribuições da história oral para outros campos, como a história indígena (ver também MAHUIKA, 2019), história negra (ROGERS, 2006), história da classe trabalhadora (PORTELLI, 2011), história das mulheres (GLUCK; PATAI, 1991; SRIGLEY; ZEMBRZYCKI; LACOVETTA, 2019), história de migrantes e refugiados (BENNETT; McDOWELL, 2012; FREUND, 2012) e história da deficiência (ATKINSON; JACKSON; WALMSLEY, 1997; HIRSCH, 1995). A história oral também fornece evidências inestimáveis sobre tópicos históricos que são pouco documentados nos registros escritos, como a história da vida doméstica, do sexo e da sexualidade (FISHER, 2006; BOYD; RAMIREZ, 2012), da saúde e da doença (BORNAT; PERKS; THOMPSON; WALMSLEY, 2000) e do trabalho (THOMPSON, 2017, p. 147-152). Por muitos anos, a história oral documentou a experiência de guerra das patentes inferiores e dos não combatentes (SUMMERFIELD, 1998; THOMPSON, 2013) e, nos últimos anos, os historiadores orais iluminaram a experiência das pessoas em relação a lugares e contribuíram com uma perspectiva humana sobre a história ambiental (HOLMES; GOODALL, 2017; LEE; NEWFONT, 2017), incluindo o estudo de catástrofes ambientais (MUKHERJEE, 2010; CAVE; SLOAN, 2014).

A história oral pode fornecer evidências factuais sobre eventos históricos, mas, como explica o historiador oral italiano Alessandro Portelli (1981, p. 99-100), a história oral “nos conta menos sobre os eventos em si do que sobre o seu significado”.

Fontes orais [...] nos dizem não apenas o que as pessoas fizeram, mas o que elas queriam fazer, o que elas acreditavam estar fazendo, o que elas acham que fizeram. Fontes orais podem não contribuir muito para o que sabemos, por exemplo, sobre o custo material de uma determinada greve para os trabalhadores envolvidos; mas elas nos contam bastante sobre seus custos psicológicos.

Em outras palavras, a história oral oferece evidências ricas sobre a subjetividade, sobre os significados e os sentimentos da experiência histórica. Muito antes de a história das emoções se tornar popular, os historiadores orais estavam explorando entrevistas para examinar as qualidades emocionais da experiência histórica (BORNAT, 2010; HOLMES, 2017; THOMSON, 2019). Como era a sensação de ir para a guerra e lutar em batalha? Como era a sensação de deixar a família e o país e se tornar um imigrante em um novo e estranho mundo? Como era a sensação de amar e se comprometer com outra pessoa ou ver um casamento se desfazer? Como e por que a experiência de combate, emigração ou casamento variava ao longo dos períodos e contextos históricos? As entrevistas de história oral também podem iluminar as qualidades corpóreas e sensoriais da experiência humana, desde a dor do parto ou da doença ou a emoção do toque íntimo, até o sabor de novos alimentos ou o cheiro e os sons de uma fábrica (HAMILTON, 2010; BOYD; RAMIREZ, 2012).

A maioria dos historiadores entra em contato com a história oral por meio de suas próprias entrevistas, mas agora existem milhares de horas de entrevistas gravadas disponíveis para pesquisa em coleções públicas. No passado, muitas vezes era difícil e demorado acessar e usar entrevistas arquivadas em áudio ou vídeo e os historiadores geralmente recorriam a transcrições, utilizando-as como fariam com outros documentos escritos. No século XXI, as tecnologias digitais e *on-line* estão tornando cada vez mais fácil encontrar, pesquisar e acessar evidências de história oral relevantes para muitos tópicos históricos, bem como ouvir trechos relevantes de múltiplas entrevistas (BOYD; LARSON, 2014; THOMSON, 2016). Os cientistas sociais explicam como essa “análise secundária” de entrevistas arquivadas apresenta questões particulares, especialmente quando trechos *on-line* são retirados e usados fora de contexto ou quando há pouca informação sobre a procedência de uma gravação (BORNAT, 2010). De fato, a pesquisa

histórica usando entrevistas arquivadas tem muito em comum com a pesquisa histórica usando documentos escritos arquivados. O pesquisador precisa entender a procedência da fonte da melhor forma possível e considerar seus pontos fortes e fracos enquanto elemento de evidência histórica. No entanto, as características distintivas das fontes de história oral apresentam desafios e oportunidades particulares para a interpretação histórica e exigem uma variedade de habilidades analíticas e compreensões.

Trabalhando com a fonte

Esta seção explica quatro estágios sobrepostos e interativos na análise e na interpretação de entrevistas de história oral: avaliação do fato, análise narrativa, interpretação temática e abordagens éticas para interpretar histórias de vida. Embora o foco seja nas fontes de história oral, não se pretende insinuar que a entrevista deva ser usada exclusivamente em detrimento de outras fontes históricas. Uma boa história utiliza a mais ampla gama de fontes disponíveis e apropriadas para um determinado tema histórico e a maioria dos historiadores combina fontes orais e outras fontes.

Em primeiro lugar, precisamos lidar brevemente com algumas das críticas à história oral e com as respostas dos historiadores orais. Desde a década de 1960, críticos vêm questionado a história oral a partir de perspectivas diversas (ver THOMSON, 2007). Eles alertaram sobre formas de os historiadores conduzirem a entrevista que influenciam os fatos. Sugeriram que os historiadores orais podem selecionar um grupo tendencioso de informantes. Acima de tudo, os críticos questionaram a memória como evidência histórica, argumentando que a memória se desvanece com o envelhecimento e as pessoas esquecem, autocensuram-se, mentem ou dissimulam; que os entrevistados contam a história que esperam que você queira ouvir; e que as lembranças são influenciadas por eventos posteriores e interpretações subsequentes do narrador e da sociedade em geral. Por exemplo, o historiador australiano Patrick O'Farrell (1985, p. 4-9) declarou que a história oral estava caminhando em direção ao “mundo da imagem, da memória seletiva, das camadas posteriores e da completa subjetividade... e para onde isso nos levará? Não à história, mas ao mito”.

Os historiadores orais responderam aos primeiros críticos afirmando que todas as fontes históricas têm falhas de um tipo ou de outro, que atas de reuniões governamentais, estatísticas do censo, ou fotografias de família são parciais à sua maneira e que cada tipo de prova, não apenas a história oral, requer uma análise crítica cuidadosa e apropriada (THOMPSON, 2017, p. 188-193).

O mais importante é que historiadores orais como Paul Thompson (2017), Alessandro Portelli (1991), Valerie Yow (2015) e Lynn Abrams (2016) identificaram o que Portelli chamou de características “peculiares” das fontes de história oral e desenvolveram métodos apropriados de análise. As fontes de história oral são criadas em uma relação de entrevista; são aurais e performáticas; sua evidência está embutida na narrativa; dependem do que é lembrado e contado em um contexto específico e em um momento específico; oferecem pistas não apenas sobre o que aconteceu, mas também sobre o que isso significou e como se sentiu, e o que isso significa e como se sente agora. Para entender melhor essas características distintivas da evidência oral, os historiadores orais recorreram a outras disciplinas para compreender como a memória e a lembrança funcionam, além de como as memórias são recordadas e narradas em uma entrevista.

Os historiadores orais aprenderam a conviver com um paradoxo da memória (THOMPSON, 2011b). Por um lado, eventos que são pessoalmente significativos tendem a ser lembrados e, ao contrário das memórias de curto prazo, essas memórias de longo prazo são notavelmente robustas e duradouras – em grande parte porque são consolidadas por meio da contação de histórias – e, portanto, são uma fonte histórica razoavelmente confiável. Por outro lado, precisamente porque criamos e recriamos a memória por meio da contação de histórias, nossas memórias são influenciadas pelos processos neurológicos, psicológicos e sociais de lembrança e narração, que envolvem seleção, articulação e performance, desde o momento do evento até o momento da narrativa. Os historiadores precisam interrogar criticamente a evidência da memória – assim como fazemos com qualquer fonte histórica – e compreender as maneiras pelas quais as histórias de memória foram moldadas pelas circunstâncias particulares do evento e pelos complexos processos de lembrança. O testemunho oral fornece uma rica evidência sobre o passado, mas ao mesmo tempo os historiadores orais são, necessariamente, estudantes da memória histórica e nossas entrevistas iluminam os processos e relacionamentos de lembrança, bem como as formas pelas quais o passado está ativo nas vidas individuais e na sociedade

atual. Em suma, os historiadores orais adotam melhor uma abordagem de “dupla visão” em relação à memória e a usam para explorar tanto o passado (história) quanto o passado no presente (memória).

Avaliando as veracidades da história oral

Ao avaliar a veracidade da história oral, é crucial considerar os fatores que influenciaram a criação e a natureza das fontes orais. A primeira pergunta a ser feita é: de quem são as histórias que você possui? É importante reconhecer que a história oral nunca pode fornecer uma “amostra representativa”. As coleções de entrevistas são sempre uma seleção de indivíduos que estão dispostos a compartilhar suas histórias, cientes do projeto e com disponibilidade para participar. Além disso, a história oral muitas vezes depende de sobreviventes, pois são eles que viveram para contar suas histórias. Essas limitações podem ter implicações significativas. Por exemplo, em um projeto de história da migração que visa celebrar a experiência dos migrantes, um migrante que considera sua migração malsucedida pode não querer ser entrevistado, resultando em uma sub-representação das experiências negativas de migração. Da mesma forma, um projeto de história oral baseado no país de destino pode perder as histórias de migrantes que retornaram ao país de origem, resultando em uma sub-representação de importantes relatos de migrantes retornados. As histórias de migrantes que faleceram jovens, possivelmente devido a condições de trabalho inseguras, extrema pobreza ou problemas de saúde mental, também podem estar sub-representadas. Se você estiver utilizando um arquivo de história oral existente, talvez não seja possível alterar a amostra. No entanto, é essencial não descartá-la como “não representativa”. Em vez disso, você deve considerar quem e o que a amostra representa e como sua natureza pode moldar a evidência e as conclusões históricas que podem dela ser retiradas. Se uma coleção de entrevistas sobre migração não incluir entrevistados que sejam migrantes retornados, migrantes infantis, migrantes idosos ou migrantes com experiências negativas, é necessário levar em conta essa ausência em sua análise e qualificar suas generalizações de acordo. É evidente que é sempre possível complementar as entrevistas

arquivadas com outras fontes, incluindo outras fontes de história oral e, se houver tempo hábil, pode-se também conduzir suas próprias entrevistas para preencher as lacunas existentes.

A questão da amostragem é bastante diferente quando você está conduzindo suas próprias entrevistas, pois você estará em posição de moldar a amostra. Não finja que pode obter uma amostra representativa. Em vez disso, procure criar uma amostra que forneça a melhor evidência possível para o seu projeto. Às vezes, sua amostra será limitada por circunstâncias ou planejamento; por exemplo, você pode entrevistar todos os sobreviventes de um desastre local, todos os membros de uma equipe esportiva ou todos os moradores de uma vila com mais de 90 anos. Geralmente, haverá muito mais entrevistados em potencial do que você pode administrar e você precisará fazer escolhas: sobre como e onde divulgar seu projeto e procurar entrevistados (sua publicidade influenciará quem se apresenta); e sobre quem você escolhe entrevistar ou não. Você terá que equilibrar seus recursos de tempo e dinheiro (criar e documentar entrevistas é demorado e caro) em relação às necessidades evidenciais do seu projeto.

Aqueles que estão começando a trabalhar com a história oral frequentemente perguntam quantas entrevistas devem ser realizadas. Isso depende: do tempo e do dinheiro que você tem; dos objetivos e dos parâmetros da sua pesquisa; e de como você pretende usar as entrevistas. Uma única entrevista em profundidade pode fornecer uma fonte maravilhosamente rica e perfeitamente adequada para um estudo biográfico ou como um estudo piloto em um projeto maior (FRIEDLANDER, 1975). Um conjunto de entrevistas com um pequeno grupo de pessoas com características comuns – que compartilham o que Portelli (1997, p. 276) descreve como “o horizonte de possibilidades, os significados e implicações de algumas narrativas significativas” – pode gerar um estudo iluminador de suas experiências históricas comuns (e distintas). Os cientistas sociais também usam a noção de “saturação” como um guia para o tamanho e a natureza da amostra; quando suas evidências começam a saturar suas hipóteses (ou seja, as respostas estão começando a se tornar familiares e repetitivas), você provavelmente fez entrevistas suficientes (BERTAUX, 1981).

A maioria dos projetos de história oral buscará entrevistar uma seleção de pessoas que representam a ampla gama de experiências relacionadas ao tópico de pesquisa. À medida que você começa a selecionar e a entrevistar, pode avaliar quem e o que está registrando e, em seguida, ajustar sua divulgação e sua seleção para focar nos tipos de pessoas que

parecem estar faltando. No final da fase de gravação, independentemente da evidência histórica em questão, você ainda deve se perguntar: quem e o que essa amostra de entrevistas representa e como a natureza da amostra molda as evidências e as conclusões históricas que posso tirar delas?

Durante o processo de análise das suas entrevistas de história oral, é necessário fazer um segundo conjunto vital de perguntas que se resumem a: quais fatores moldaram a história que foi lembrada e relatada nesta entrevista e como devo levar esses fatores em consideração ao começar a tirar conclusões históricas a partir dessa evidência? Se você está conduzindo suas próprias entrevistas, você deve estar esboçando, em seu diário de pesquisa, respostas para a primeira parte dessa pergunta enquanto escreve reflexões sobre cada entrevista. Se você está usando entrevistas de arquivo, deve procurar respostas em qualquer informação disponível sobre o projeto e sobre cada entrevista (como relatórios de avaliação do projeto, resumos das entrevistas ou documentação do projeto que foi arquivada junto com as entrevistas).

A questão geral sobre os fatores que moldam uma entrevista pode ser dividida em várias perguntas inter-relacionadas. Primeiramente, quem é o narrador e como a experiência deles em um episódio histórico pode ter afetado a forma como eles se lembraram desse episódio? É necessário considerar tanto o ponto de vista quanto a memória. Por exemplo, a partir do ponto de vista de um soldado isolado em um *bunker*, o plano geral de ataque e o desenrolar de uma batalha podem não ser aparentes. Esse soldado, na linha de frente da batalha, pode ter uma experiência caótica e sensorial do combate e pode relatar vividamente seu entorno imediato e suas impressões. Eles podem se lembrar do que foi mais significativo para sua sobrevivência, ou talvez, em casos de traumas significativos, episódios específicos possam ser difíceis de lembrar. O historiador do Holocausto Christopher Browning (2010, p. 9-11) oferece uma tipologia útil de várias camadas sobrepostas de memória para sobreviventes de eventos traumáticos. A camada mais profunda é composta por “memórias reprimidas”, das quais o entrevistado pode nem mesmo estar ciente devido a um “mecanismo de defesa psicológico crucial para a sobrevivência”. Os sobreviventes têm consciência de “memórias secretas”, mas essas são tão “ardentes e dolorosas que nunca foram compartilhadas com os outros”. As “memórias coletivas” são compartilhadas e discutidas entre os companheiros sobreviventes, mas existe um consenso tácito de que essas memórias podem ser constrangedoras ou dolorosas para os outros e não

devem ser compartilhadas mais amplamente. As “memórias públicas” são compartilhadas abertamente e compõem a maior parte das entrevistas de sobreviventes, embora o entrevistador habilidoso e confiável possa, ao longo do tempo, incentivar o compartilhamento de memórias coletivas, secretas ou até mesmo reprimidas.

Segundo: o que motivou essa pessoa a gravar sua história e como essa motivação influenciou o que eles lembram e relatam? Por exemplo, seus narradores mais dispostos podem ter uma forte compulsão para corrigir informações, registrar uma história que eles acreditam ter sido negligenciada ou distorcida ou afirmar suas próprias importância e contribuição. A relutância dos entrevistados que você convenceu a participar do seu projeto pode oferecer pistas sobre sua experiência ambivalente do episódio histórico ou sobre porque eles acreditam que sua experiência não é historicamente significativa. O contexto da gravação também importa. Historiadores podem ter acesso a depoimentos de testemunhas gravados em diversos contextos, incluindo julgamentos legais, inquéritos governamentais, comissões da verdade e reconciliação, entrevistas na mídia e projetos de história oral. Os propósitos e processos de audiências legais e quase judiciais são muito diferentes dos da história oral – uma pessoa que busca justiça ou compensação pode contar sua história com ênfases e silêncios particulares. Grande parte da história oral tem como objetivo produzir registros históricos de longo prazo e a opção de fechamento temporário ou restrições de acesso pode resultar em relatos mais francos e ponderados.

Terceiro: quais relações impactaram a entrevista e a história que foi compartilhada? Mais obviamente, o entrevistador de história oral (e seu projeto) molda o relato por meio das perguntas que faz e das habilidades que utiliza para ouvir pistas e extrair aspectos não ensaiados da história. Se você está ouvindo uma entrevista de arquivo, pode encontrar-se aplaudindo essas habilidades, mas também lamentando oportunidades perdidas. O relacionamento da entrevista e como cada parte percebe e responde à outra – em termos de suas características pessoais, mas também de fatores como classe, gênero, raça, idade, sexualidade e assim por diante – também afetam a entrevista. No contexto racial dos Estados Unidos na década de 1930, um entrevistado negro provavelmente contaria sua história de forma diferente para um entrevistador branco ou negro, assim como, nas décadas de 1980, as mulheres idosas negras do assentamento rural de Phokeng, na África do Sul, sentiam-se mais à vontade para compartilhar suas histórias com a jovem pesquisadora negra que havia crescido em uma vila próxima do

que com os acadêmicos brancos da universidade (BOZZOLI; NKOTSOE, 1991). Pode haver outras pessoas na sala que não estão sendo entrevistadas, como familiares, amigos ou cuidadores, cuja presença pode ser de apoio, mas também pode ser invasiva ou restritiva. Em uma entrevista em grupo, os relacionamentos interpessoais entre os participantes podem desencadear uma erupção animada de lembranças, mas também podem fazer com que alguns participantes reprimam memórias menos aceitáveis socialmente. Por fim, um narrador pode ser influenciado por um público imaginado além da sala – membros da família que desejarão ouvir a gravação, antigos camaradas de exército, uma geração mais jovem para quem a entrevista é uma lição sobre o passado. Como entrevistador, você gerencia todos esses relacionamentos para criar a melhor entrevista possível: franca, detalhada, íntima e abrangente. Como pesquisador que utiliza a entrevista como prova, cabe a você avaliar características pertinentes dos relacionamentos da entrevista, levando-as em consideração em sua análise da entrevista.

Quarto: qual foi o momento da narrativa? Em qualquer ato de lembrar, sempre existe uma relação complexa entre o momento do evento e o momento da narrativa. Em um nível pessoal, ao longo dos anos, as mudanças na vida de uma pessoa podem ter proporcionado uma perspectiva diferente de suas experiências anteriores. Um migrante bem-sucedido pode lembrar sua migração de maneira diferente quando comparado com alguém que agora acredita que deixar sua terra natal foi um erro. A forma como um casamento é lembrado pode ser diferente após um divórcio doloroso e, igualmente importante, agora pode ser mais fácil dizer coisas sobre o casamento que antes eram mantidas em segredo. Novas atitudes sociais e compreensões históricas podem possibilitar a articulação de histórias de vida que antes eram negligenciadas, mal compreendidas ou estigmatizadas. Na Austrália e em outros países onde crianças indígenas foram removidas de suas famílias ao longo do século XX, uma história popular emergente sobre essas “Gerações Roubadas” vem incentivando membros dessas famílias a compartilhar suas histórias de dor. Narrativas históricas emergentes podem oferecer novas palavras e maneiras de articular o passado, o que não significa que os narradores estejam reinventando suas histórias, mas sim que o historiador precisa pensar cuidadosamente em como as pessoas usam a linguagem e os significados em constante mudança de sua cultura para articular e reinterpretar a experiência pessoal. O historiador oral pode usar isso como evidência tanto sobre a história quanto sobre a memória histórica.

Existe uma camada temporal adicional em jogo na pesquisa de história oral, que é o momento da escuta. À medida que um pesquisador reproduz uma entrevista antiga (que pode ou não ter criado), produz novas compreensões e perguntas para a fonte. Pode também ser impactado por sua interação com a narrativa gravada e pela profunda experiência intersubjetiva de ouvir de forma profunda e empática (ROPER, 2014). Vale a pena prestar atenção à experiência emocional da análise histórica, estar aberto aos significados que ela pode sugerir, mas também ter cuidado para que sua própria perspectiva contemporânea e sua bagagem emocional não prejudiquem a avaliação ou limitem a compreensão.

Quinto: qual é a história arquivística da coleção de entrevistas? Os historiadores orais não são diferentes de outros historiadores que precisam considerar como e por que essa fonte específica foi criada em primeiro lugar e como e por que ela acabou em um arquivo disponível para pesquisa. Quais histórias não foram registradas e preservadas e quais são as limitações e vieses inerentes ao arquivo? Também devemos perguntar se a fonte foi alterada de alguma forma que possa afetar seu uso como evidência. A gravação da entrevista ou a transcrição foram editadas – talvez por um narrador que esteja preocupado com o que foi dito? Se a gravação não foi preservada e tudo o que você tem é uma transcrição ou um resumo da entrevista, quais são as maneiras pelas quais aquele que a registrou pode ter alterado as palavras e os significados do relato?

Para demonstrar a avaliação e a análise de fontes de história oral, vou usar um exemplo de minhas próprias entrevistas. Permita-me apresentar Percy Bird, um veterano australiano da Primeira Guerra Mundial, a quem entrevistei pela primeira vez em 1983, em sua casa, em Melbourne. Imagine você estar usando a entrevista de Percy para entender a experiência de ingressar no exército. Leia o seguinte trecho sobre o alistamento da minha entrevista com Percy, mas ao mesmo tempo ouça o trecho da entrevista por meio do arquivo online do Memorial de Guerra Australiano, em <https://www.awm.gov.au/collection/C88150> (você encontrará este trecho na Parte 1 às 19:32; consulte também Thomson, 2013).

Você se lembra de onde estava quando a guerra começou e qual foi sua reação à guerra?

Ah, bem, sim, eu estava aqui. Eu estava em Melbourne, em 4 de agosto de 1914. E no trem de Williamstown para Melbourne, alguns de nós entramos na mesma carruagem e vimos um barco descendo o rio Yarra. Olá! “Olhe isso”. Acho que era o Pfalz que eles nomearam. Um barco alemão tentando sair, e eles estavam, a artilharia disparou para impedi-los. Você vê, tiveram que disparar dois ou três tiros para pará-los. Então, eles os capturaram.

Qual foi sua primeira reação à guerra?

Ah, bem, nada em particular. Mas eu ia me alistar em algum lugar por volta de fevereiro de 1915, mas meu pai foi internado no hospital, gravemente doente, e minha mãe disse para não fazer nada até vermos como o papai se saía. Então, me alistei em algum momento no início de julho de 1915, porque eles haviam tentado operar meu pai, mas o coração dele não aguentou, então disseram: “Bem, vamos dar mais doze meses para ele!”. Você vê, então ele morreu em 4 de março, não, em 4 de abril de 1916.

Por que você queria se alistar?

Ah (risos). Ser como todos os outros (risos). Eu queria me alistar como todos os outros, sabe. Bem, como muitos outros, eu diria, porque eu achava que era (pausa) bom, eu era (pausa) deveria me alistar. Sendo um membro, sendo australiano. (pausa) Então, bem, quando eu fui, no barco indo para lá, eu estava (pausa). O Coronel, bem, é claro que eu já te contei sobre isso [sobre uma promoção temporária a bordo do navio] (BIRD, 1983 *apud* THOMSON, 2013).

Para compreender melhor este trecho, é útil avaliá-lo nos contextos da vida de Percy e da entrevista. Nascido em Melbourne em 1889, filho mais novo de um caldeireiro e de uma gerente de pensão, Percy deixou a escola em 1904, passou um ano em um colégio de negócios e começou a trabalhar como funcionário nas Ferrovias. Em 1914, ele estava empregado regularmente há quase uma década e estava noivo, embora ainda morasse com os pais. Sabemos de outras partes da entrevista que Percy foi um membro entusiasmado da *Boys Naval Brigade* (Brigada Naval Juvenil) em

sua adolescência e da *Australian Native Association* – ANA (Associação dos Nativos Australianos) como jovem adulto e que ele estava ansioso para se juntar ao esforço coletivo da guerra. Percy se alistou em 2 de julho de 1915 e partiu da Austrália em 4 de abril de 1916 com o 17º Reforço, 5º Batalhão, Força Imperial Australiana. Ele serviu nas trincheiras da Frente Ocidental na segunda metade de 1916, mas em fevereiro de 1917 foi promovido a Sargento da Sala de Ordenanças e baseado na sede do batalhão atrás das linhas. Foi hospitalizado após um ataque de gás em maio de 1917, sobreviveu a uma operação em uma glândula infectada em seu pescoço e retornou à Austrália, sendo dispensado do exército em 31 de outubro de 1917. Percy voltou ao seu emprego nas Ferrovias, casou-se com sua noiva, desfrutou de uma carreira bem-sucedida e uma vida familiar feliz.

Quando entrevistei Percy em 1983, ele era viúvo e morava sozinho na casa da família no subúrbio oeste de Melbourne, onde nasceu. Eu estava procurando entrevistar veteranos da Primeira Guerra Mundial nos subúrbios operários de Melbourne sobre suas experiências durante a guerra e o pós-guerra. Em 1983, dois anos após o sucesso do filme de Peter Weir, *Gallipoli*, houve um ressurgimento popular de interesse pela experiência dos soldados australianos na Grande Guerra e o início do que ficou conhecido como a “lenda do Anzac”, que celebrava a virilidade militar australiana e o “batismo de fogo” bem-sucedido pelos soldados da jovem nação durante aquela guerra. Eu encontrei Percy e outros veteranos dos subúrbios oeste por meio de sua filiação em sucursais locais da Liga de Serviços Retornados e enviei a eles uma carta explicativa que enfatizava a importância de registrar suas histórias para que “as futuras gerações de australianos se lembrem de sua experiência”. Quando falei com Percy ao telefone, ele estava ansioso para ser entrevistado. Ele me recebeu em sua porta segurando um maço de doze páginas escritas à mão sobre seus dois anos com o 5º Batalhão, as qualidades admiráveis dos soldados australianos e os bons momentos que compartilharam, apesar das privações da guerra. Em seguida, ele prosseguiu contando muitas das mesmas anedotas ao longo da nossa entrevista. Percy era um contador de histórias entusiasmado, que animava sua narrativa com belas interpretações de canções da época de guerra.

Essas informações sobre o contexto ajudam a explicar alguns aspectos do trecho da entrevista. É provável que Percy quisesse se alistar logo após o início da guerra. Ele havia desfrutado de treinamento militar e era um patriota australiano; além disso, alguns de seus amigos e colegas de trabalho estavam se alistando. No entanto, Percy não tem uma narrativa

confortável e bem ensaiada sobre o alistamento; o tema não é contemplado em seu relato escrito. Ele prefere contar a história sobre o navio alemão que foi capturado no início da guerra. Essa é uma boa história (assim como suas anedotas escritas), que é contada com entusiasmo e liga diretamente Percy aos eventos de significado histórico nacional. Era o tipo de história que ele queria compartilhar e o tipo de história que ele achava que eu queria ouvir, assim como a anedota que ele já havia contado sobre sua promoção durante a viagem marítima devido ao comportamento exemplar. Na época, eu tinha vinte e três anos, era estudante de pós-graduação em História e historiador oral inexperiente (dada outra chance, eu ouviria com mais cuidado, permitiria que as pausas de Percy durassem mais tempo e faria perguntas melhores na sequência). Percy provavelmente me percebia como membro da geração mais jovem de australianos interessados em ouvir histórias de significado histórico nacional. Era 1983, nessa época Percy tinha uma vida inteira de envolvimento com desfiles do Dia do Anzac, histórias do batalhão e filmes de guerra australianos, todos reafirmando a narrativa de guerra nacional celebratória que ele preferia contar.

Análise de narrativa

Para entender melhor esse trecho da entrevista, o pesquisador também precisa ler, ouvir e observar atentamente pistas sobre seus significados e sua importância, o que nos leva à segunda etapa, sobreposta, na análise e na interpretação de entrevistas de história oral: a análise narrativa. Existem muitos rótulos e abordagens diferentes para análise de “narrativa”, “linguagem”, “discurso”, “conversa” ou “performance”, usados por diversas disciplinas. Mas, como explica Paul Thompson (2017, p. 372), “em última análise, talvez a maior força da análise narrativa, independentemente de suas formas precisas, seja estimular uma escuta mais aguçada e sensível”. A base de todas essas abordagens é o reconhecimento de que as maneiras como uma história é contada (inclusive o fato de ser contada como uma história ou não) oferecem pistas sobre seu significado. A análise narrativa requer uma análise detalhada das palavras, da fala e da performance, e das pistas que oferecem sobre o significado e a importância.

Muitas vezes, esse trabalho de detetive narrativo exige compreensão do contexto histórico mais amplo e de outras fontes além da entrevista. O navio cargueiro alemão SS Pfalz foi capturado pouco antes de deixar o porto de Port Phillip, em Melbourne, depois que a artilharia em terra disparou o primeiro tiro do Império Britânico na guerra em sua direção (SCOTT, 1936, p. 36-37; ROBERTSON, 1968, p. 3). Percy provavelmente viu o Pfalz a caminho do trabalho enquanto seu trem passava pelos docas do Yarra, onde o navio estava carregando carvão na manhã de terça-feira, dia 4. A recordação precisa de que “vários de nós entramos no mesmo vagão” sugere uma memória muito clara de um evento real. É improvável que ele tenha visto o Pfalz novamente quando foi bombardeado no final da tarde do dia 5 (nesse momento, ele já estaria no trabalho ou retornando de Melbourne para Williamstown após o trabalho) e isso pode explicar seu pequeno erro sobre “dois ou três” tiros (houve apenas um tiro). É possível que Percy tenha fundido os dois dias em um só, identificado como 4 de agosto, porque aquele foi o dia importante em que a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha, embora nesse ponto já fosse 5 de agosto na Austrália.

É possível que Percy tenha ouvido o som do projétil no dia 5 e certamente leu tudo sobre o episódio dramático nos jornais diários e em histórias posteriores. As pequenas confusões históricas ou enfeites na narrativa de Percy podem ter sido introduzidos pelo passar do tempo, leituras posteriores e repetição. Eles podem ser facilmente corrigidos ou explicados e, para esta análise, são menos importantes do que o fato de que essa é a história que Percy quer contar sobre o início da “sua” guerra. Tenho certeza de que, se eu não tivesse interrompido a anedota do Pfalz com uma pergunta adicional sobre sua “resposta inicial à guerra”, Percy teria preferido passar para outras histórias sobre sua viagem para a Europa e a chegada à França.

Minha análise do trecho sobre o alistamento requer atenção cuidadosa aos sons, às palavras e à forma de cada uma das três partes do trecho. Se eu tivesse gravado em vídeo a entrevista, também estaria procurando pistas visuais. Sabemos que grande parte do significado da comunicação é transmitida pela expressão facial e pela linguagem corporal. Pesquisadores que utilizam entrevistas em vídeo podem, por exemplo, buscar pistas sobre entusiasmo, cautela ou outras emoções fortes (BALDWIN, 2019). Tenho uma fotografia de Percy que tirei enquanto pausávamos a entrevista para tomar chá e é possível ver, pelo brilho animado nos olhos de um homem sentado na beira da cadeira, que está claramente aproveitando a ocasião. Minhas anotações da entrevista, que capturaram alguns elementos visuais da

performance narrativa de Percy, lembram-me que sua expressão mudava de entusiasmo e conforto, quando contava suas anedotas bem ensaiadas sobre o incidente do Pflaz ou sobre as festas longe das linhas de frente da guerra, para uma expressão levemente perplexa, quando minhas perguntas o desviavam do caminho.

Mesmo sem as pistas visuais, é possível ouvir mudanças significativas na voz de Percy; de fato, é possível observar as mudanças na forma narrativa e nas escolhas de palavras nos três blocos de texto transcrito. A anedota do Pflaz é uma performance fluente com toques dramáticos (“Olá! ‘Olhe para aquilo’. Era o Pflaz”). O relato sobre a doença do pai e o adiamento do alistamento de Percy é menos ensaiado e mais objetivo, conforme Percy tenta se lembrar dos detalhes e das datas corretas. A resposta à minha terceira pergunta, “Por que você queria se alistar?”, parece e soa muito diferente. Pode ser que Percy ria porque achou que era uma pergunta um tanto boba, com uma resposta óbvia sobre o patriotismo australiano, “como muitos outros”, mas aos meus ouvidos o riso denota uma abertura ansiosa para uma explicação desconfortável e hesitante. Muitos “outros” estavam se alistando e Percy queria se juntar a eles. Historiadores concordam atualmente que o patriotismo não era a motivação mais importante para o alistamento entre os jovens homens australianos de classe trabalhadora, que também buscavam uma aventura no exterior, um emprego estável ou uma chance de escapar de circunstâncias domésticas difíceis (WHITE, 1986). Quando o dever patriótico estava envolvido, como claramente estava para Percy, o patriotismo podia ser tanto imperial quanto nacional. Em 1914, a maioria dos australianos era de origem britânica ou descendente de britânicos e a frase inicial de Percy, “sendo membro de”, sugere que ele estava pelo menos pensando em sua lealdade ao Império Britânico, embora, como membro da Associação dos Nativos Australianos, Percy provavelmente também sentisse um patriotismo australiano nato. O tempo desta narrativa em 1983 também pode ter sido influente nesse sentido. Nos anos 1980, a maioria dos australianos havia abandonado sua afiliação imperial e a ressurgente “lenda do Anzac” celebrava o patriotismo e as conquistas australianas. “Ser australiano” era, naquele momento, a resposta mais fácil e óbvia para uma pergunta difícil.

Esse tipo de análise detalhada da linguagem, da oralidade e da performance pode fornecer pistas para uma interpretação histórica mais ampla. Ao contrário de muitos outros veteranos que entrevistei, Percy não possui uma história de alistamento memorável que ele queira compartilhar. A ausência dessa história e a estranheza de nossa discussão sobre o alistamento

(em comparação com a confiante narrativa de Percy sobre o incidente do Pflalz) apontam para uma tensão dolorosa na identidade masculina de Percy Bird no primeiro ano da guerra. Percy estava dividido entre um ideal de virilidade militar, que esperava que os jovens elegíveis se alistassem e servissem seu país, e um ideal de virilidade familiar, que exigia que Percy assumisse a responsabilidade por seu pai doente e uma família em crise (ele nem sequer menciona deixar sua noiva, o que na época eu não cogitei perguntar). A difícil decisão e a lembrança desajeitada de um homem apontam para os efeitos poderosos e as consequências das relações familiares nas decisões e ações dos homens militares, um tema que se mostrou significativo em muitas das minhas entrevistas com veteranos da Grande Guerra.

Interpretação temática – e recursos interpretativos

A interpretação temática, terceira etapa sobreposta na análise e na interpretação de entrevistas de história oral, pode começar com uma única fonte de entrevista, como minha leitura da história de alistamento de Percy Bird. No entanto, mais frequentemente, a interpretação temática envolve um conjunto de entrevistas, muitas vezes em conjunto com outras fontes. Como explica Paul Thompson (2000, p. 269), “para tornar possível a generalização, primeiro devemos extrair a fonte sobre cada questão de uma série completa de entrevistas, reuni-la para vê-la a partir de um novo ângulo, como se fosse horizontalmente em vez de verticalmente; e, ao fazer isso, atribuir um novo significado a ela”. Existe significativamente mais literatura de história oral sobre análise narrativa do que sobre interpretação temática (sobre esta última, veja THOMPSON, 2017, p. 372-391; BROWNING, 2010, p.1-12; SHOPES, 2002, p. 588-598; PERKS; THOMPSON, 2016, p. 303, nota 5), talvez porque a análise narrativa detalhada de entrevistas de história oral exija habilidades distintas, enquanto abordagens de interpretação temática de fontes de entrevista são, na maior parte, semelhantes às abordagens usadas com muitos outros tipos de evidências históricas. A principal diferença, observada acima, é que os historiadores orais criam sua própria fonte e devem revisar a amostra de entrevistas e levar em consideração suas limitações ao propor quaisquer generalizações históricas.

Em resumo, a interpretação temática envolve encontrar, explicar e evidenciar padrões históricos, com base nas evidências históricas disponíveis e na construção sobre o conhecimento histórico existente. Honestamente, os historiadores experientes não escrevem o suficiente sobre como realizam isso e os historiadores iniciantes muitas vezes suspeitam que há alguma alquimia mágica que devem descobrir por si mesmos. Os fundamentos da interpretação temática, na verdade, são razoavelmente diretos. Isso requer imersão profunda e completa nas fontes, a imaginação para ver e ouvir o que essas fontes podem estar lhe dizendo, rigor ao organizar essas fontes e desenvolver e sustentar argumentos históricos, assim como uma reflexão autoconsciente sobre os efeitos das preconcepções e dos processos do pesquisador em suas descobertas.

Os historiadores utilizam uma variedade de técnicas e ferramentas para facilitar esses processos interpretativos. Embora os fundamentos que sustentam a interpretação possam não ter mudado, a digitalização de fontes e o desenvolvimento de tecnologias digitais e *on-line* certamente transformaram muitos aspectos da pesquisa histórica, inclusive a história oral (BOYD; LARSON, 2014). Os historiadores orais vêm registrando entrevistas em equipamentos de gravação digital desde o final da década de 1990 e, na década de 2020, estão começando a usar *softwares* de reconhecimento de voz que são bons o suficiente para economizar tempo na transcrição. Os historiadores orais hoje podem acessar milhares de entrevistas digitalizadas *on-line* e muitas vezes podem ler uma transcrição (ou registro de entrevista) *on-line* enquanto ouvem o áudio vinculado ou assistem ao vídeo vinculado. Eles podem buscar palavras-chave e tópicos dentro de uma entrevista, em um conjunto de entrevistas e até mesmo em diferentes arquivos de entrevistas e outras fontes e, quando clicam em trechos selecionados de texto, alguns arquivos *on-line* reproduzem esse texto enquanto você lê. Os pesquisadores podem reunir todas as suas fontes digitais em bancos de dados pesquisáveis em plataformas como o ZOTERO, podendo compartilhar seus dados com uma equipe de pesquisa e maximizar as oportunidades de pesquisa e escrita colaborativa. Eles podem usar *software* de análise qualitativa de dados assistida por computador, como o NVIVO, para codificar suas entrevistas ou contar nomes ou termos recorrentes, de forma a exibir e descobrir padrões que de outra forma seriam difíceis de detectar em meio a uma grande quantidade de dados. Eles podem criar histórias envolventes em múltiplos formatos que incluem as vozes de entrevistas em áudio e as imagens em movimento de gravações em vídeo.

A interpretação temática da história oral é um processo dinâmico e em constante evolução que começa com a entrevista. Em entrevistas baseadas em tópicos (em oposição a histórias de vida), o entrevistador buscará respostas e compreensões sobre questões ou problemas históricos específicos. Durante a entrevista, ele pode ouvir pistas que sugerem perguntas adicionais e começar a vislumbrar regularidades que não esperava, fazendo breves anotações para referência futura. Talvez a tarefa interpretativa mais importante do entrevistador seja produzir um relato da entrevista o mais rápido possível, enquanto está fresca na memória. Esse relato resumirá os principais aspectos da experiência da entrevista (por exemplo, sobre o relacionamento da entrevista) e anotar os tópicos históricos para os quais a entrevista é especialmente valiosa, além de pensamentos iniciais sobre como a entrevista pode contribuir para a compreensão histórica. Após várias entrevistas, o entrevistador pode observar padrões repetidos nestas e começar a articular argumentos históricos. Esses “resumos” do entrevistador se tornarão um recurso de pesquisa inestimável, tanto para o pesquisador que conduziu as entrevistas, mas que pode acabar esquecendo os detalhes úteis de uma entre muitas, quanto para membros da equipe ou pesquisadores posteriores que desejam usar as mesmas.

Embora seja fundamental que um pesquisador ouça (ou assista) uma entrevista de história oral, a escuta pode ser um processo muito demorado. Não é possível escanear áudio ou vídeo da mesma forma que você escaneia páginas de texto; se você acelerar a gravação, perderá muitas das pistas orais, portanto, é necessário ouvir em tempo real. Algum tipo de documentação textual de uma entrevista é um recurso de pesquisa essencial. A transcrição consome tempo (ou é cara, se você tiver recursos para pagá-la), mas, para a maioria dos propósitos históricos, as transcrições literais são o tipo mais útil de documentação de entrevistas. O pesquisador pode rapidamente escanear ou pesquisar palavras no texto da transcrição em busca de material relevante, às vezes sendo mais fácil identificar padrões históricos em texto (especialmente para pesquisadores treinados em literacia textual; as gerações mais jovens, que cresceram com sistemas computadorizados de áudio e vídeo, são cada vez mais habilidosas em tecnologias de busca de audiovisual). O processo de transcrição também requer uma escuta cuidadosa, que pode alertar o pesquisador para pistas de áudio.

Existem muitos sites *on-line* e livros que oferecem orientação sobre transcrição de história oral, bem como muitos artigos acadêmicos que debatem os prós e os contras da transcrição para a pesquisa em história

oral (críticos preocupam-se que os pesquisadores que utilizam transcrições não ouvirão as entrevistas e que as transcrições inevitavelmente perdem muitos dos recursos audiovisuais significativos da entrevista) (SHOPES, 2012; BOYD, 2014). Uma transcrição literal útil incluirá todas as palavras, na ordem correta, e buscará capturar, da melhor maneira possível, recursos audiovisuais significativos, por exemplo, usando negrito para ênfase e indicando uma “pausa”, “risos” ou uma ação como “batendo na mesa três vezes”. No entanto, há um limite para como a fala e a performance podem ser capturadas em palavras e uma transcrição literal que tenta capturar tudo provavelmente será ilegível – exceto para um linguista – e muito confusa para uso prático por um historiador. O melhor conselho é considerar a transcrição como uma aproximação da fala e um guia útil que pode ser escaneado e pesquisado, mas também ouvir partes da entrevista que virão a ser utilizadas. Se o arquivista (ou portal de arquivo *on-line*) fornecer apenas a transcrição, solicite também o arquivo de áudio ou vídeo. Se você usar citações de entrevistas em seus escritos, sempre verifique a transcrição quanto à precisão. Se você usar *software* de reconhecimento de voz para transcrição, definitivamente precisará corrigir a transcrição preliminar.

Existem alternativas de documentação para a transcrição literal. Estudantes com restrição de recursos financeiros ou de tempo podem criar transcrições parciais, nas quais transcrevem apenas as seções que sabem que irão usar e, em seguida, resumem o restante. Muitos arquivos agora produzem resumos cronometrados (também chamados de registros de entrevista) em vez de transcrições, porque esse tipo de resumo sequencial é mais rápido e barato de produzir. Aplicativos digitais como o OHMS (*Oral History Metadata Synchronizer*) suportam a produção de resumos cronometrados (e transcrições) que são vinculados por códigos de tempo ao arquivo de áudio ou vídeo, permitindo que um pesquisador acesse rapidamente seções relevantes dos arquivos de áudio ou visual. Em meio a essa magia digital, não se esqueça de que a transcrição ou o resumo cronometrado de uma entrevista é apenas um auxílio de pesquisa para a fonte primária da gravação real.

Como pesquisador, você precisará desenvolver sistemas e processos eficazes para anotar, codificar ou indexar seu conjunto de entrevistas. Por exemplo, você pode criar uma coluna em cada página de um resumo cronometrado ou de uma transcrição na qual anota recursos narrativos significativos e pontos históricos; pode ter outra coluna para palavras-chave e utilizar um vocabulário controlado projetado para sua pesquisa, para que, assim, possa encontrar rapidamente material sobre tópicos relevantes.

Depois de criar um banco de dados para suas entrevistas, pode-se usar essas anotações para pesquisar materiais em todas as entrevistas.

Eu chamo meu processo de anotação de “pensar em vermelho”, porque uso tinta vermelha para destacar meu próprio pensamento sobre as fontes. “Pensar em vermelho” também é uma metáfora para o tipo de imaginação histórica necessária para ver ou ouvir padrões históricos emergentes. Frequentemente, esses primeiros pensamentos em vermelho são as sementes de interpretações históricas subsequentes. Por exemplo, uma nota ao lado do trecho sobre o alistamento de Percy Bird, destacando como a lealdade masculina de Percy estava dividida entre família e nação, plantou a semente para um argumento sobre o papel das relações familiares nas decisões de alistamento.

Na época em que entrevistei Percy Bird, em 1983, eu ainda utilizava fichas de arquivo e indexação para reunir evidências de várias entrevistas sobre um tópico como o alistamento. Desde a década de 1990, *softwares* cada vez mais sofisticados de análise qualitativa de dados assistida por computador (CAQDAS), como o NVIVO, permitiram que os pesquisadores codificassem seções das entrevistas de acordo com o que o NVIVO chama de “nós” temáticos. Por exemplo, você poderia codificar todas as seções sobre alistamento em várias entrevistas e criar subcódigos que identificam diferentes fatores relacionados ao alistamento (como aventura, dever, emprego, pressão dos colegas, apoio familiar, oposição familiar etc.). Uma vantagem da codificação assistida por computador é que você pode reunir rapidamente todo o material da entrevista sobre um tópico ou um aspecto de um tópico e essa “exibição de dados” pode facilitar a identificação de padrões e o desenvolvimento de interpretações históricas. Como explicam os sociólogos Miles e Huberman (1994, p. 432), “a exibição gera análise, que por sua vez gera exibições mais poderosas e sugestivas”. Claro, o *software* não faz o trabalho interpretativo para você – isso requer sua própria imersão, rigor e imaginação histórica – mas pode facilitar o trabalho.

A desvantagem da codificação é que o pesquisador pode ser seduzido pela magia digital e perder facilmente de vista o contexto de vida de cada trecho da entrevista ou as conexões entre os fatores que foram desagregados em seus códigos separados. É útil ter um documento anotado para cada entrevista, para que seja possível navegar entre narrativas individuais e temas históricos, entre os dados e as interpretações em desenvolvimento. Também é importante continuar refletindo sobre a natureza das fontes e os limites das interpretações. Por exemplo, os únicos veteranos da Primeira

Guerra Mundial ainda vivos entrevistados por mim em 1983 eram jovens quando se alistaram. Muito poucos eram suficientemente idosos para terem constituído famílias próprias antes de irem para a guerra e, com base nas evidências das minhas vinte e cinco entrevistas, não pude generalizar sobre os relacionamentos entre os maridos-soldados e suas esposas e filhos.

Com uma amostra de história oral de vinte e cinco entrevistas, quaisquer hipóteses quantitativas (usando adjetivos como “maioria”, “poucos” ou “muitos”) devem ser apenas especulações históricas informadas a serem confirmadas por pesquisas adicionais. Alguns historiadores orais têm utilizado abordagens quantitativas para desenvolver argumentos históricos mais detalhados e conclusivos a partir de grandes amostras de centenas ou mesmo milhares de entrevistas. Trevor Lummis (1983), por exemplo, utilizou contagem e tabulação de várias características em entrevistas com centenas de famílias de pescadores do leste da Inglaterra, juntamente com dados do censo, para demonstrar que pescadores de alto-mar do final do século XIX e início do século XX tinham taxas de mortalidade mais altas do que os homens que pescavam em locais mais próximos à costa. Lummis então utilizou as evidências qualitativas das entrevistas para explicar a discrepância em termos dos efeitos da ausência de longo prazo nos relacionamentos familiares e no suporte. As tecnologias digitais ampliaram o alcance e a confiabilidade da pesquisa quantitativa, mas os pesquisadores de história oral precisam estar atentos às conclusões quantitativas baseadas em amostras estatisticamente não representativas de dados de histórias de vida qualitativos e complexos.

Interpretando vidas a partir de abordagens éticas

As pessoas não são papel e os historiadores orais precisam ter cuidado tanto durante uma entrevista quanto no uso das entrevistas. Eles enfrentam várias responsabilidades pessoais e éticas que às vezes entram em tensão umas com as outras: para o entrevistado; para outras pessoas mencionadas ou afetadas pela gravação (como membros da família ou da comunidade); para as leis do país (relacionadas, por exemplo, à difamação ou à gravação de atividades ilegais); e para a integridade da pesquisa e a precisão histórica. Outras fontes históricas podem gerar dilemas éticos

comparáveis, mas eles são especialmente agudos na história oral, onde o historiador conhece o narrador, cocriou sua narrativa e muitas vezes conhece também outros membros da família. Por exemplo, um dos veteranos entrevistados da Primeira Guerra Mundial falou sobre um plano (que não foi executado) de matar um oficial cujo comportamento abusivo e ações intempestivas estavam ameaçando a vida de seus homens. Essa prática de *fragging* contraria a narrativa lendária da Austrália dos Anzac, que celebra as relações igualitárias entre oficiais australianos e seus homens, então a entrevista forneceu uma evidência importante de que os oficiais australianos nem sempre eram tão igualitários ou –benquistos. No entanto, o infrator provavelmente tem descendentes vivos, então decidi não identificar o oficial em minhas publicações. Um exemplo bastante diferente e controverso ocorre no documentário do Holocausto de Claude Lanzmann, *Shoah* (1985). O filme inclui extensos trechos de entrevistas em vídeo com sobreviventes, testemunhas e perpetradores. Em certo momento, vemos Lanzmann em um bar conversando com um ex-guarda de campo de concentração. Em seguida vemos um veículo de gravação móvel do lado de fora do bar e percebemos que o homem não sabe que está sendo entrevistado. Esse perpetrador não poderia ter sido gravado sem subterfúgio. A trapaça de Lanzmann claramente viola as “Diretrizes de Prática Ética” produzidas pela maioria das associações nacionais de história oral, como a *Oral History Australia* (2007). Mas Lanzmann acreditava que a compreensão histórica das ações terríveis dos guardas do campo de concentração superava qualquer responsabilidade ética para com esse narrador.

Embora os dilemas éticos sejam complicados, os princípios que fundamentam a boa prática ética na criação e na interpretação da história oral são diretos. Primeiro, procure não causar danos, ou ao menos minimizar os danos a um nível aceitável. Segundo, assegure o consentimento informado. O entrevistado precisa saber o que acontecerá com a entrevista e como ela pode ser usada e precisa aprovar as condições de acesso e uso (isso também é um requisito legal de direitos autorais). Isso não significa que um entrevistado deva controlar a interpretação de sua narrativa depois que ela for disponibilizada em acesso aberto em um arquivo, mas eles devem saber, antes do início da gravação, que sua narrativa estará disponível para interpretação e que podem limitar o acesso à gravação por um período especificado. Em terceiro lugar, assim como em qualquer pesquisa histórica, a integridade interpretativa do historiador é essencial: não use evidências fora de contexto indevidamente; não faça especulações sobre as ações de

uma pessoa que você não pode comprovar; explique, mas não julgue. Os historiadores orais frequentemente têm um cuidado especial em fundamentar conclusões históricas com base nas evidências dos entrevistados que eles acabaram por conhecer e respeitar.

Existem medidas práticas que o historiador oral pode tomar para lidar com os desafios éticos apresentados pela interpretação e pelo uso das entrevistas. Mais obviamente, o apagamento das marcas que identificam (não apenas o nome, mas também qualquer contexto identificável e a voz gravada) pode proteger o narrador, se necessário. Às vezes, apagar essas marcas simplesmente não é possível. Por exemplo, em um estudo baseado em um pequeno número de entrevistas ou em uma pequena comunidade, pode não ser possível citar uma entrevista, embora seu conhecimento do material ainda influencie suas descobertas gerais. Alguns historiadores orais compartilham e discutem interpretações com seus narradores. Essa “autoridade compartilhada” – uma noção sobre a entrevista cunhada por Michael Frisch (1990) e ampliada por outros historiadores orais para incluir o compartilhamento da autoridade interpretativa – leva tempo e não é fácil. Katherine Borland (1991 e 2018) escreve de forma perspicaz sobre como sua avó inicialmente desaprovou a interpretação feminista que a primeira fez sobre um evento registrado em sua entrevista e como, ao longo do tempo, a avó Beatrice e a neta Katherine aprenderam mais sobre o passado – e sobre elas mesmas – a partir das interpretações uma da outra. No entanto, o compartilhamento da autoridade interpretativa pode ser impossível quando as diferenças pessoais ou políticas entre o narrador e o historiador são muito marcantes, como aconteceu com Kathleen Blee (1993 e 2018), quando ela entrevistou mulheres americanas que haviam sido membros da Ku Klux Klan.

Conclusão

Independentemente dos detalhes do seu projeto de entrevistas, o historiador oral precisa se manter constantemente reflexivo, pensando cuidadosamente sobre responsabilidades e interpretações, desde antes da entrevista até a fase de produção de conhecimento histórico. Busque uma

amostra diversificada e apropriada de entrevistas e considere como sua amostra pode afetar as regularidades históricas que você descobrirá. Avalie suas fontes para que quaisquer interpretações levem em conta as qualidades distintas e as limitações da evidência da história oral. Ouça atentamente as pistas de linguagem, fala e performance e recorra a todas as evidências disponíveis, dentro e fora da entrevista, para explicar o significado dessas pistas. Mergulhe nas suas entrevistas e organize os dados para que você possa utilizá-los de forma mais eficaz para iluminar e explicar padrões ou eventos históricos. Por fim, use sua imaginação histórica para dar sentido às entrevistas e, assim, contribuir com descobertas originais para a pesquisa histórica e para um público mais amplo.

Referências

- ABRAMS, L. *Oral History Theory*. Abingdon, England: Routledge, 2016.
- ATKINSON, D.; JACKSON, M.; WALMSLEY, J. *Forgotten Lives: Exploring the History of Learning Disability*. London: Bild, 1997.
- BALDWIN, A. And “What Happened Next?”: Emotions and Sexual Violence in Holocaust Interviews. *Oral History Australia Journal*, v. 41, p. 32-42, 2019.
- BENMAYOR, R.; DOMINGUEZ PRATS, P.; CARDENAL DE LA NUEZ, M. E. (eds.). *Memory, Subjectivities, and Representation: Approaches to Oral History in Latin America, Portugal, and Spain*. New York: Palgrave, 2016.
- BENNETT, O.; MCDOWELL, C. *Displaced: The Human Cost of Development and Resettlement*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.
- BERTAUX, D. *Biography and Society: The Life History Approach in the Social Sciences*, London: Sage, 1981.
- BLEE, K. Evidence, Empathy and Ethics: Lessons from Oral Histories of the Klan. *Journal of American History*, v. 80, n. 2, p. 596-606, 1993.

BLEE, K. Feminist Oral Histories of Racist Women. In: SRIGLEY, K.; ZEMBRZYCKI, S.; IACOVETTA, F. *Beyond Women's Words: feminisms and the practices of oral history in the twenty-first century*. New York: Routledge, 2018. p. 56-62.

BORLAND, K. That's Not What I Said: Interpretative Conflict in Oral Narrative Research. In: GLUCK, S. B.; PATAI, P. (eds.). *Women's Words: The Feminist Practice of Oral History*. New York: Routledge, 1991. p. 63-75.

BORLAND, K. That's Not What I Said: A Reprise 25 Years On, 1991. In: SRIGLEY, K.; ZEMBRZYCKI, S.; IACOVETTA, F. *Beyond Women's Words: Feminisms and the Practices of Oral History in the Twenty-First Century*. New York: Routledge, 2018. p. 31-37.

BORNAT, J. *Reminiscence Reviewed: Perspectives, Evaluations, Achievements*. Buckingham: Open University Press, 1994.

BORNAT, J. Remembering and Reworking Emotions: The Reanalysis of Emotion in an Interview. *Oral History*, v. 38, n. 2, p. 43-52, 2010.

BORNAT, J.; PERKS, R.; THOMPSON, P.; WALMSLEY, J. *Oral History, Health and Welfare*. London: Routledge, 2000.

BOYD, D. A. I Just Want to Click on it to Listen: Oral History Archives, Orality and Usability. In: BOYD, D. A.; LARSON, M. A. (eds.). *Oral History and Digital Humanities: Voice, Access and Engagement*. New York: Palgrave Macmillan, 2014. p. 77-96.

BOYD, D. A.; LARSON, M. A. (eds.). *Oral History and Digital Humanities: Voice, Access and Engagement*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

BOYD, N. A.; RAMIREZ, H. N. R. (eds.). *Bodies of Evidence: The Practice of Queer Oral History*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2012.

BOZZOLI, B.; NKOTSOE, M. *Women of Phokeng: Consciousness, Life Strategy and Migrancy in South Africa, 1900-1983*. London: James Currey, 1991.

BROWNING, C. R. *Remembering Survival: Inside a Nazi Slave-Labor Camp*. New York: W. W. Norton, 2010.

CAVE, M.; SLOAN, S. M. (eds.). *Listening on the Edge: Oral History in the Aftermath of Crisis*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2014.

DAVIDSON, J. W.; LYTLE, M. H. *After the Fact: The Art of Historical Detection*. New York: Knopf, 1986. p. 177-212.

DENIS, P.; NTSIMANE, R. (eds.). *Oral History in a Wounded Country: Interactive Interviewing in South Africa*. Durban: University of KwaZulu-Natal Press, 2008.

FISHER, K. *Birth Control, Sex, and Marriage in Britain, 1918-60*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

FREUND, A. *Beyond the Nation? Immigrants' Local Lives in Transnational Cultures*. Toronto: University of Toronto Press, 2012.

FRIEDLANDER, P. *The Emergence of a UAW Local, 1936-39: A Study in Class and Culture*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1975.

FRISCH, M. *A Shared Authority: Essays on the Craft and Meaning of Oral and Public History*. Albany: State University of New York Press, 1990.

GLUCK, S. B.; PATAI, D. *Women's Words: The Feminist Practice of Oral History*. London: Routledge, 1991.

GRELE, R. K. Directions for Oral History in the United States. In: DUNAWAY, D. K.; BAUM, W. K. *Oral History: An Interdisciplinary Anthology*. Walnut Creek: Altamira, 1996. p. 62-84.

HAMILTON, P. The Proust Effect: Oral History and the Senses. In: RITCHIE, D. A. *The Oxford Handbook to Oral History*. New York: Oxford University Press, 2010. p. 219-232.

HAMILTON, P.; SHOPEL, L. *Oral History and Public Memories*. Philadelphia: Temple University Press, 2008.

HIRSCH, K. Culture and Disability: The Role of Oral History. *Oral History Review*, v. 22, n. 1, p.1-27, 1995.

HOLMES, K. Does It Matter If She Cried? Recording Emotion and the Australian Generations Oral History Project. *Oral History Review*, v. 44, n. 1, p. 56-76, 2017.

HOLMES, K.; GOODALL, H. *Telling Environmental Histories: Intersections of Memory, Narrative and Environment*. New York: Palgrave Macmillan, 2017.

- JAMES, D. *Doña Maria's Story: Life History, Memory and Political Identity*. Durham: Duke University Press, 2000.
- LANZMANN, C. *Shoah*. New York: New Yorker Films, 1985.
- LEE, D.; NEWFONT, K. *The Land Speaks: New Voices at the Intersection of Oral and Environmental History*. New York: Oxford University Press, 2017.
- LIBRARY OF CONGRESS. An Introduction to the WPA Slave Narratives. Disponível at: <https://www.loc.gov/collections/slave-narratives-from-the-federal-writers-project-1936-to-1938/articles-and-essays/introduction-to-the-wpa-slave-narratives/>. Accessed on: 10 Jan. 2020.
- LOH, K.S.; KOH, E.; DOBBS, S. *Oral History in Southeast Asian: Memories and Fragments*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.
- LUMMIS, T. Structure and Validity in Oral Evidence. *International Journal of Oral History*, v. 2, n. 2, p.109-120, 1983.
- MAHUIKA, N. *Rethinking Oral History and Tradition: An Indigenous Perspective*. New York: Oxford University Press, 2019.
- MEIHY, J. C. S. B. *(Re)introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.
- MILES, M. B.; HUBERMAN, A. M. *Qualitative Data Analysis: An Expanded Sourcebook*. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- MUKHERJEE, S. *Surviving Bhopal: Dancing Bodies, Written Texts, and Oral Testimonials of Women in the Wake of an Industrial Disaster*. New York: Palgrave Macmillan, 2010.
- O'FARRELL, P. *The Catholic Church and Community. An Australian History*. Kensington: University of New South Wales Press, 1985.
- ORAL History Australia. Guidelines of Ethical Practice, 2010. Disponível at: https://www.oralhistoryaustralia.org.au/files/oha_guidelines_for_ethical_practice__2007.pdf. Accessed on: 22 Jan. 2020.
- PERKS, R. The Roots of Oral History: Exploring Contrasting Attitudes to Elite, Corporate, and Business Oral History in Britain and the U.S. *Oral History Review*, v. 37, n. 2, p. 215-224, 2010.
- PORTELLI, A. On the Peculiarities of Oral History. *History Workshop Journal*, n. 12, p. 96-107, 1981.

PORTELLI, A. *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and Meaning in Oral History*. Albany: State University of New York Press, 1991.

PORTELLI, A. The Apple and the Olive Tree: Exiles, Sojourners, and Tourists in the University. In: PORTELLI, A. *The Battle of Valle Giulia: Oral History and the Art of Dialogue*. Madison: University of Wisconsin Press, 1997. p. 273-289.

PORTELLI, A. *They Say in Harlan County: An Oral History*. New York: Oxford University Press, 2011.

ROBERTSON, A. M. *War in Port Phillip*. Sorrento: Nepean Historical Society, 1968.

ROGERS, K. L. *Life and Death in the Delta: African American Narratives of Violence, Resilience, and Social Change*. New York: Palgrave, 2006.

ROPER, M. The Unconscious Work of History. *Cultural and Social History*, v. 11, n. 2, p. 169-193, 2014.

SCOTT, E. *Australia During the War; Official History of Australia in the War of 1914-1918*. V. 11. Sydney: Angus and Robertson, 1936.

SELDON, A.; PAPPWORTH, J. *By Word of Mouth: Elite Oral History*. London: Methuen, 1983.

SHOPES, L. Oral History and the Study of Communities: Problems, Paradoxes, and Possibilities. *The Journal of American History*, v. 89, n. 2, p. 588-598, 2002.

SHOPES, L. Transcribing Oral History in the Digital Age. In: BOYD, D.; COHEN, S.; RAKERD, B.; REHBERGER, D. *Oral History in the Digital Age*. Washington, D.C.: Institute of Museum and Library Services, 2012. Disponível at: <http://ohda.matrix.msu.edu/2012/06/transcribing-oral-history-in-the-digital-age/>. Accessed on: 22 Jan. 2020.

SRIGLEY, K.; ZEMBRZYCKI, S.; IACOVETTA, F. *Beyond Women's Words: Feminisms and the Practices of Oral History in the Twenty-First Century*. New York: Routledge, 2019.

SUMMERFIELD, P. *Reconstructing Wartime Women's Lives*. Manchester: Manchester University Press, 1998.

THOMPSON, P. *The Voice of the Past: Oral History*. Third edition. Oxford: Oxford University Press, 2000.

THOMPSON, P. *The Voice of the Past: Oral History*. Fourth edition. Oxford: Oxford University Press, 2017.

THOMSON, A. Four Paradigm Transformations in Oral History. *Oral History Review*, v. 34, n. 1, p. 49-70, 2007.

THOMSON, A. *Moving Stories: An Intimate History of Four Women across Two Countries*. Manchester: Manchester University Press, 2011a.

THOMSON, A. Memory and Remembering in Oral History. In: RITCHIE, D. A. *The Oxford Handbook to Oral History*, New York: Oxford University Press, 2011b. p. 77-95.

THOMSON, A. *Anzac Memories: Living with the Legend*. Clayton: Monash University Publishing, 2013.

THOMSON, A. Digital Aural History: An Australian Case Study. *Oral History Review*, v. 43, n. 2, p. 292-314, 2016.

THOMSON, A. Indexing and Interpreting Emotion: Joy and Shame in Oral History. *Oral History Australia Journal*, n. 41, p. 1-11, 2019.

VANEK, M. *Around the Globe: Rethinking Oral History with its Protagonists*. Prague: Karolinum Press, 2013.

VANSINA, J. *Oral Tradition: A Study in Historical Methodology*. London: Routledge & Kegan Paul, 1965.

WHITE, R. Motives for Joining Up: Self-sacrifice, Self-interest and Social Class, 1914-18. *Journal of the Australian War Memorial*, n. 9, p. 3-16, 1986.

YOW, V. R. *Recording Oral History: A Guide for the Humanities and Social Sciences*. Lanham: Rowman & Littlefield Publish, 2015.

Fontes adicionais para leitura e consulta.

ABRAMS, L. *Oral History Theory*. Abingdon, England: Routledge, 2016.

BENMAYOR, R.; DOMINGUEZ PRATS, P.; CARDENAL DE LA NUEZ, M. E. (eds.). *Memory, Subjectivities, and Representation: Approaches to Oral History in Latin America, Portugal, and Spain*. New York: Palgrave, 2016.

DOMINGUEZ PRATS, P.; CARDENAL DE LA NUEZ, M. E. (eds.). *Memory, Subjectivities, and Representation: Approaches to Oral History in Latin America, Portugal, and Spain*. New York: Palgrave, 2016.

BOYD, D. A.; LARSON, M. A. (eds.). *Oral History and Digital Humanities: Voice, Access, and Engagement*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

ORAL History in the Digital Age. Disponível at: <http://ohda.matrix.msu.edu/>. Accessed on: 22 Jan. 2020.

PERKS, R.; THOMSON, A. (eds.). *The Oral History Reader*. London: Routledge, 2016.

PORTELLI, A. *The Death of Luigi Trastulli and Other Stories: Form and Meaning in Oral History*. Albany: State University of New York Press, 1991.

RITCHIE, D. A. *The Oxford Handbook of Oral History*. New York: Oxford University Press, 2010.

SRIGLEY, K.; ZEMBRZYCKI, S.; IACOVETTA, F. *Beyond Women's Words: Feminisms and the Practices of Oral History in the Twenty-First Century*. London and New York: Routledge, 2019.

THOMPSON, P. *The Voice of the Past: oral history*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

YOW, V. R. *Recording Oral History: A Guide for the Humanities and Social Sciences*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2015.

ENVIADO EM: 01/03/2023
APROVADO EM: 10/08/2023